

Andréa Gonçalves

Márcia M. Nunes

Maria A. Oliveira

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO
INFANTIL EM TEMPOS E ESPAÇOS MARCADOS PELA
PANDEMIA COVID-19**

A proposta de uma escrita que entrelaça a prática cotidiana de três professoras pesquisadoras das infâncias com imagens resultou impossibilidades e leituras que ultrapassam o tempo e momento, tendo em vista que os registros destas se deram no contexto da pandemia covid-19, nos fazendo caminhar por linhas tênues nessa teia de palavras.

Entendendo que as vozes infantis são cheias de criatividade e potências que invadem todos os espaços e contextos da escola da pequena infância, ressaltamos que elas trazem sentido e ajudam a ressignificar o saber docente, para tanto é preciso estarmos abertos para ouvi-las, sensíveis ao que dizem e fazem, do corpo que fala, do olhar que expressa, do silêncio que grita e da observação que capta o invisível.

Os sentidos atribuídos às imagens nascem do cotidiano reflexivo de professoras-pesquisadoras de seu fazer junto às crianças. Por esta razão, a escuta sensível às vozes das crianças e o olhar atento ao que fazem desencadeia uma série de novas descobertas, verdadeiros *achadouros* das infâncias.

Imagens 1 e 2: Crianças na UMEI Rosalina de Araújo Costa



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

As imagens acima foram registradas antes da pandemia, em diferentes momentos das crianças brincando no parque da UMEI Rosalina de Araújo Costa. Interessante que esse espaço aberto e livre ocasionou uma curiosidade, atraindo as crianças, levando-as “parar de brincar” para se reunirem em torno do objeto de sua curiosidade. Sem que algum adulto precisasse pedir atenção ou silêncio, sem que estivessem sentados enfileirados ou organizados, surgiu o interesse em pesquisar, conhecer mais, comparar e ampliar os conhecimentos.

Na primeira imagem, as crianças de cinco anos observam uma aranha amarela caminhando em um brinquedo e, inicialmente, desejam descobrir quem é ela e o que faz ali. Na imagem 02, as crianças de três anos observam uma lagarta bem pequena, que subia pela barra de ferro da grade. A concentração era tanta que as outras crianças também ficavam curiosas e iam se aproximando para ver o que havia ali.

Tais observações não surgiram do nada, de uma “curiosidade ingênua” (FREIRE, 2019), mas a partir do instinto investigativo que é nato, bem como da oportunidade de aprender o novo, o diferente, o

oculto, fazendo com que a curiosidade vá além do simples olhar, mas que seja *epistemológica*.

Em ambos os casos, logo que percebemos o aglomerado fomos observar mais de perto, em silêncio, para ouvi-las melhor. E foi ali, nessa interação, que iniciamos pesquisas incríveis, proporcionando interação com as famílias, ampliação de conhecimentos que trilharam múltiplos caminhos ou áreas do conhecimento.

Ao trazer essas imagens e suas leituras, entendemos que nosso olhar não é único, pois cada imagem reflete-se sob diferentes perspectivas em cada leitura, por isso trazemos para essa conversa um olhar, mas não o único possível.

Ainda pensando nas imagens acima, mas tecendo um diálogo entre os tempos atuais e as condições em que se deram os encontros com as crianças, refletimos agora, a partir das imagens abaixo, sobre um cenário imposto pela tragédia que não foi anunciada, mas alterou as rotinas.

Imagens 3 e 4: NAEI Sebastião Luiz Tatagiba



Fonte: Acervo pessoal

Dentre os desafios dessa era pandêmica, surgem os encontros remotos e a necessidade de estreitar vínculos com as crianças e suas famílias como tentativas de interação. Um tempo de espaços vazios

nas UMEI'S, onde projetos de construção foram congelados em função de um distanciamento necessário, porém avassalador, no qual é difícil responder a perguntas como: *"Tia quando vamos voltar para escola, vai demorar muito?"*.

Não havia e ainda não há resposta precisa e segura. Apenas um caminhar esperançoso, porém tolhido de tantas oportunidades de construção de conhecimentos, que reforça como "A escola é a experiência mais marcante na vida de uma criança" (CASTRO, 2013, p, 109), e o quanto esse cotidiano vivo, caloroso e inquietante faz falta para todos os envolvidos nesse processo peculiar chamado Educação.

Referências:

CASTRO, Lúcia Rabello. O futuro da infância e outros escritos. Rio de Janeiro, 07 letras, 2013.

Sobre as autoras:

Andréa Gonçalves da Silva Antunes: Mestre em Educação - UERJ/FFP-2017. Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Educação no Município de Niterói. E-mail: goncalves.silva2006@gmail.com

Márcia Mary Nunes: Professora da Rede Municipal de Educação de Niterói. Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Educação de Itaboraí. Pós-graduada em Psicopedagogia pela UCAM e Gestão na rede pública pela FACNEC. E-mail: nunesmarciamary@gmail.com

Maria Aparecida de Oliveira: Professora das Infâncias. Pós-graduada em Pedagogia Social pela UFF, com especialização em

Educação Raça e Etnia. E-mail:
aparecida.pedagogasocial@gmail.com